Do Eu perturbado ao olhar pertinaz

*O espetáculo não é um conjunto de imagens senão uma relação social entre pessoas mediatizadas pelas imagens*

*(Debord, 1999)*

**Autores***:* Oscar Zack (Relator) com Noemí Alazraki, Gabriela Camaly, Daniela Fernández, Susana Epsztein, Carlos Rossi, Gabriela Salomón, Eugenia Serrano, Mariela Yern.

**Introdução**

Em seu ensaio*A Sociedade do Espetáculo* publicado em fins da década de 60, Guy Debord antecipa uma série de fenômenos e acontecimentos que, projetando-se desde essa época, vão delimitando algumas coordenadas que se apresentam nos tempos atuais. Tempos hipermodernos que têm transformado a vida dos sujeitos – que consentem a ele- em um espetáculo com um viés voyeurista , pelo qual tudo se mostra, tudo se dá a ver. Desta forma os véus caem, o pudor se dilui e as obscenidades se fazem presente. Em um mundo que se tornou onivoyeur, vai tomando uma consistencia inédita o olhar do Outro, olhar que possui, a partir das manifestações das novas maneiras de gozar, uma vigência que se faz presente em quase todas as atividades na vida dos sujeitos. Desta forma, nos encontramos sob uma espécie de panótico universal.

Em consonância com o texto antes mencionado, a ensaísta Paula Sibilia escreve um libro intitulado *La Intimidade como espetáculo.* No capítulo “ O Show do eu” apresenta uma série de idéias que servirão de apoio a algunas de nossas reflexões. A autora sublinha como na época atual se incita a uma entronização do “eu” que enaltece e premia o desejo de ser distinto. (Sibilia, 2008, p.10), como também destaca o “querer sempre mais”. Estas formas expressivas vão gerando um efeito de sugestão que constitui esse ideal em uma falsa bússola a respeito do desejo do sujeito.

Esta época marcada por laços virtuais cujos paradigmas são as distintas expressões das redes sociais, possibilitam que cada um possa inventar-se um “eu” conforme seu ideal que sob esses distorcidos semblantes, tentam participar de maneira protagónica na inovação e no desenvolvimento rizomático da cultura atual. Cultura que promove que quase tudo é mercadoria com data de vencimento.

No mesmo ensaio, a autora nos lembra que a revista *Time* há muito tempo realiza a eleição da “personalidade do ano”. Ela é dedicada a personalidades mundiais que tiveram uma relevância indiscutível. Por essa galería ou vitrine de famosos circularam Hitler em 1938, e Ayatollah Jomeini em 1979, George W. Bush em 2004. Porém para nossa surpresa lemos: “Sobre quem recaiu no ano de 2006 tão honrosa menção da prestigiada revista” ? A autora responde: “ Você! Sim, você. Quer dizer: não só você, senão também eu e todos nós. Ou, mais precisamente, cada um de nós: as pessoas comuns. Um espelho brilhava na capa da publicação e convidava aos leitores a se contemplarem, como Narcisos satisfeitos de verem suas personalidades resplandecendo no mais alto pódio midiático. (Sibila, ibíd. anterior, p. 11).

É a partir destas coordenadas, que são um signo dos tempos atuais, que se faz necessário repensar novas articulações de alguns conceitos clásicos da psicanálise, tendo presente que a pesar de todos os embates sofridos a psicanálise do Freud resiste.

**Versões ou genealogias do Eu**

É sabido que o significante “eu” não pertence primariamente à literatura psicanalítica, existe um desenvolvimento pré-analítico dele. Sua origen remonta ao vocabulario grego e isso fez que fosse utilizado em diversas disciplinas e com diversas significações. É a partir de Freud que ese pronome pessoal adquire uma significação nova que foi tomada para subsumir um conceito que adquiriu diversas conceitualizações nos diferentes desenvolvimentos teóricos em que foi evocado. Se poderá, talvez, questionar a legitimidade de tal recurso acerca da importação de significantes, questionamento que pode ser descartado se tomamos como referencia e fundamento a perspectiva que fornece Georges Canguilhem -citado por Miller- que afirma: “Trabalhar um conceito é fazer variar a extensão e a compreensão, generalizá-lo pela incorporação de traços de exceção, exportá-lo fora de sua região de origem, tomá-lo como modelo e inversamente dar-lhe um modelo, em resumo lhe conferir de um modo progressivo, por transformações reguladas a função de uma forma”. (Miller, 1987).

Aceitando essa fundamentação, podemos convir que ao estender seus limites nos encontramos com a exigência de redefinir o conceito em questão e que ao fazê-lo estamos nos formulando uma nova problemática e criando novos paradigmas. Imersos no campo psicanalítico é necessário estabelecer algumas diferenças importantes, em Freud e em Lacan, acerca do conceito em questão.

Começando com Freud devemos considerar que na “Introdução ao Narcisismo” promove a função do narcisismo secundário articulado ao narcisismo do eu, a partir do retorno da libido objetal ao eu tomado como objeto. Porém, é no “O Eu e o Id” onde desenvolve de maneira mais acabada sua teorização desta instancia e suas articulações com, não só o Id, senão fundamentalmente com o Eu-Ideal, o Ideal do Eu e o Supereu. Não vamos realizar um comentário exaustivo deste texto senão somente vamos ressaltar um traço que se articula ao trabalho proposto. É onde se formula o imperativo ético, no dizer de Lacan, *Wo Es war, soll Ich werden*, onde o *Ich*, não coincide - como assinala Miller em ´Patologias do eu em análise´ ( 2007, p 435) – com a definição clássica do ´eu´ em Lacan. O *Ich* freudiano é um conceito que oscila entre a dimensão imaginária do *eu* e o *sujeito.* Nesta perspectiva, dita coalescência, permite ir considerando a maneira de gozar do sujeito que, imerso na cultura contemporânea, tenta entronizar ao *eu* estimulando sua hipertrofia na busca do ser distinto, buscando instituí-lo como bússola de seu gozo.Trata-seentão de não descartar sua importância senão de ressituá-la, de renová-la. Renovação que vetoriza um caminho conceitual que vai do *eu* imaginário de Lacan estruturalista ao *ego joyceano* elaborado pelo último Lacan. É um caminho que vai do *eu* como expressão da “ teología da libre empresa” (Lacan, 1985, p. 322), passando pelo “*eu é o outro*”  *(Lacan, 1986) ao “ego joyceano” (Lacan, 2006).*

No ensino de Lacan é possível encontrar distintas versões do *eu*, de tal forma que devemos considerá-lo como um emúltiplo. Sua multiplicidade se baseia em sua constituição “*bric-a-brac”* (Miller, 2007, p. 435) de identificações imaginárias sem coerência entre elas, o que questiona as concepções que concebem ao *eu* como uma instancia unificada. Para ilustrar a unidade do *eu* Lacan tomou a etologia como referência, ao situar a função da imagem “como unificadora” (Miller, ibíd. anterior); contudo, esta perspectiva é sempre relativa e está destinada ao fracasso.

Posteriormente, apoiado no simbólico, Lacan sustentou o *eu* como *um,* supondo as insígnias do Outro como Ideal do Outro. Depois situou o significante uno, o S1, como uno do Eu, para finalmente reduzir o uno do eu, o –φ, ao falo da castração. Este breve percurso encontra um ponto de inflexão, ao considerar que *o uno do eu é o objeto a*, isto faz confluir ao *eu com o fantasma,* transferindo ao fantasma o que se tratava de pensar a partir do eu. O fantasma e o eu instauram, desde essa perspectiva, modos de gozar. (Miller, 2007). Esta concepção do *eu* consiste em considerá-lo como uma instancia afetada – como assinalou Lacan – por sua função de desconhecimento, o qual é solidário com a fórmula “ o eu é outro”. *O eu é outro* situa a crítica aos pós freudianos que, ao reabsorver a invenção freudiana, retornaram a um período pre-Kantiano. Lacan em sua discussão com os pós-freudianos, ressalta que para Freud a realidade axial do homem não é o eu senão o inconsciente.

A não coincidência entre o *eu* e o sujeito abre o caminho para considerar a reformulação da questão do desconhecimento que não é outra coisa que um delírio de identidade, a partir da suposição que o problema se enraíza nem tanto na fórmula anterior “ *eu é outro*” senão na equação “*yo=yo”*. *”*. Esta fórmula supõe um delírio de identidade que implica a foraclusão do Outro. “O desconhecimento é uma foraclusão do Outro. Se é uma crença, consiste em crer numa identidade de si que não passaria pelo Outro.” (Miller, 2011, p. 115). Esta afirmação pode e debe funcionar como uma bússola clínica na medida que permite situar a dimensão sintomática do eu. Deixemos marcado aquí um certo paradoxo: é certo que o *eu* é efeito da foraclusão do Outro, sim, mais se constitui a partir dele.

Abordar a questão da identidade do *eu* implica incluir a dimensão do Outro simbólico. Ali onde me vejo ver-me não é de onde me olho, portanto me vejo vendo-me através dos olhos do Outro. Este movimento põe em manifesto a divisão que o eu tenta disfarçar em uma unidade precária (Bassols, 2011), daí que o eu pode ser o primeiro sintoma que um sujeito leva à análise. Esta perspectiva implica consentir à existência de sua dimensão gozosa na medida em que o sintoma abriga um gozo que o *sujeito* e *o eu* ignoram. O gozo *yoico* se caracteriza por estar obstaculizado em sua passagem ao inconsciente, o que dificulta que seja afetado pela dialética do simbólico. “ Sem dúvida a entrada em análise supõe uma renuncia prévia ao gozo solitário da própria unicidade. E o apego de um sujeito ao gozo de sua unicidade pode eventualmente obstaculizar este caminho para outro. Lacan assinala em alguma parte este obstáculo do orgulho, como ele o chama, que é o obstáculo deste gozo yoico.” (Miller, 2011, p. 118).

Bem, Lacan começou seu ensino priorizando o registro do imaginário, a partir do qual produziu uma reformulação do conceito clássico do *eu* sem perder de vista sua articulação com o conceito de sujeito, de um sujeito que enoda indivíduo e o corpo, propondo assim uma ligação entre o eu e o corpo gozante. No Seminário 21 ( inédito, 1974), Lacan introduz a perspectiva que permite ir articulando o laço entre o *eu* e o corpo. O corpo, desde a segunda tópica, supõe uma relação com o id como lugar do silêncio. O Id é o inconsciente quando cala. Entretanto, a pergunta persiste. Em que consiste este laço entre o *eu* e o corpo? Assim Lacan se pregunta: é o eu o corpo? E esclarece que o eu não pode ser reduzido ao funcionamento do corpo. Há que recordar que um corpo “se goza” e que, desde essa perspectiva, Lacan introduz o conceito de sinthome problematizando ao sujeito do significante. Este viésleva a considerar, ainda que seja de maneira fugaz , a introdução do ego joyceano, o que implica uma nova categoria do *eu* na qual a separação sujeito-gozo se põe em questão.

No Seminário 23 Lacan apresenta algumas reflexões acerca do que os ingleses chamam *o ego* e os alemães *o Ich,* e ao referir-se a Joyce afirma que nele o ego cumpre um papel distinto. Esta perspectiva afirma que “a antiga noção de inconsciente se apoia em nossa ignorância do que se passa em nosso corpo.” (Lacan, 2006, p. 147). Nosso corpo, então, é algo que nos é estranho. A sensação de asco que experimenta Joyce depois de ter sido agredido concerne indubitavelmente ao seu corpo. Não se é um corpo, somente se o tem.

**Sou olhado… olho, logo existo**

A raiz do pensamento atual abona a ideia acerca de que sobretudo objeto acessível se possa chegar a um conhecimento idealmente objetivo de sua essência. (Jullien, 2008). Porém, advertido do efeito enganoso da função do olhar se tem colocado a tarefa de tratar de atingir um discernimento que tenha em seu horizonte tratar de captar o invisível. Perspectiva que foi captada por Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), que soube antecipar em poucas palavras: “ O essencial é invisível aos olhos.”

Em 1623 Galileo Galilei sublinhou: “A natureza está escrita em linguagem matemática” , expressão que põe em jogo o caráter de uma ordem que escapa ao olhar porém ao que é possível aceder ao seu mistério a partir dos recursos que a ciência e a técnica proveem, de tal forma que atualmente há toda uma indústria posta a serviço de estender o horizonte ao que nosso olho é capaz de alcançar. Toda uma tecnologia posta a serviço do olhar expressa a vontade de ultrapassar os limites visíveis de uma estrutura que não presenteia sua verdade.

No *Seminário 11* Lacan apresenta, a partir do sonho “ Pai, não vês que estou queimando?” (Lacan, 1984, p. 77), a função transcendente do objeto olhar. Introduz assim a pulsão escópica que instaura a experiência de um olhar que precede ao sujeito da visão. Sublinha, junto a Merleau Ponty, a dependência do visível a respeito daquilo que está diante do olho do vidente, e recalca a preexistência de um olhar- somente vejo desde um ponto- que faz com que em minha existência ignore desde onde sou olhado. Esta perspectiva abre a consideração do campo escópico, tomando consistência o axioma lacaniano : “ O mundo é onivoyeur ,porém não é exibicionista, não provoca nosso olhar. Quando começa a provocá-lo, então também começa a sensação de estranheza.” (Lacan, 1984, p. 83). O mundo não é exibicionista porém sim está habitado por sujeitos que gozam com sê-lo: mundo onivoyeur – sujeitos exibicionistas. Gerard Wajcman (2011) trabalha este binarismo em seu libro *El ojo absoluto*, onde sustenta que o olhar sempre capta uma imagem, portanto atrás da imagem existe um olhar. Este binarismo adquire consistência a partir do excesso de exposição da intimidade que circula pelas redes sociais, que resultam ser as expressões modernas dos antigos cadernos de registro com que os capitães dos barcos deixavam registro das vicissitudes de seus acontecimentos marítimos. Hoje esses cadernos são substituídos por fotografias, textos – próprios ou alheios- videos, para informar ao semelhante quase de maneira confessional ou testemunhal as particularidades de certo percurso do gozo do expositor.

Se aceitamos a definição de J.-A. Miller que o escabelo expressa a sublimação freudiana fundada no *eu não penso* em seu cruzamento com o narcisismo, podemos concordar que estamos em cheio na época do parletre, razão pela qual este *eu não penso* implica “a negação do inconsciente mediante a qual o parletre se crê amo de seu ser […] E a isto, com seu escabelo, lhe agrega crer ser um amo belo. O que se chama a cultura não é senão a reserva dos escabelos, onde cada um vai buscar com que dar-se importância e vangloriar-se.” (Miller, 2014).

*Viva Facebook! La autobiografía permanente!*, um quase-escabelo ao alcance de todo mundo. É a genealogia de um estilo que gira entre o exibicionismo e o voyeurismo. É um “diário êxtimo” que consiste em expor a própria intimidade em vitrines globais da rede. (Sibilia, 2008).

Então, desde a tensão entre olho e o olhar se abre não só o campo escópico senão também adquire relevância a divisão pela qual se manifesta a pulsão escópica, processo que na medida em que se produz sob o registro do simbólico gera as condições para que se manifeste uma disjunção entre o imaginário e a percepção. O relevante do imaginário é o que não se pode ver. Se a visão é uma relação à realidade sem gozo, o campo escópico é a realidade e gozo. Quando o olho é um órgão, o olhar é um vazio. Assim o olhar nos conduz a considerar que as marcas de gozo fazem do organismo um corpo. Este viés pode ser ilustrado a partir de Freud em “ A Perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise”, onde se pode ler que quando o olho deveria servir ao corpo para orientar-se no mundo se põe a serviço do gozo do olhar impedindo, como se fosse uma infração, seu funcionamento normal. O objeto olhar, enquanto tal, é não visível. Então é fundamental estabelecer a diferença entre o gozar do olhar do Outro articulado no fantasma ( diferença do campo da visão), e a função do olhar do grande Outro na estrutura. Lacan nesse aspecto é certeiro ao insistir que o olhar é um objeto *a*, isso o separa de sua sustentação material ( o olho), de sua função( a visão) e de seu efeito ( a imagem).

Então, como conceber sua existência? De maneira simples. A saber: a mancha, expressão material e fenomênica do objeto olhar. A mancha nos olha, porém se trata daquilo que do sujeito se manifesta como exterior a ele e que se apresenta como imagem real, desnodada do simbólico e do imaginário. “ Vês essa lata? A vês? Pois bem, ela não te vê.(Lacan, 1984, p.112). Lacan afirma: “O olhar é o objeto *a* no campo do visível.” O exemplo lacaniano da lata de sardinhas serve para ilustrar que a mancha é o lugar do sujeito no quadro, se o quadro está no olho, o sujeito está no quadro. Se a mancha, que escapa às coordenadas simbólicas me olha, o efeito que se produz é a angustia. Há que se ir mais alémdo estádio do espelho para captar, justamente, que *a* – nesse caso o olhar – é o não especularizável.

**Conclusão**

É inquietante saber que hoje a intimidade se encontra ameaçada por um Outro onividente que goza intensamente com o intuito de exercer um monitoramento de nossas vidas, de nossos desejos, de nossa maneira de gozar. Fenômeno que produz, o que poderíamos chamar, uma espécie de foraclusão ou de repúdio generalizado da divisão entre o olho e o olhar. Porém, a pesar deste repúdio e no mundo em que tudo se pode ver, extrapolando ainda os véus da vergonha e do pudor, e inclusive a barreira da angustia, algo retorna para o ser falante quando se confronta de maneira sempre contingente com a função desse olhar do Outro que o divide. A função do olhar introduz um encontro com o gozo que é sempre desajustado em relação ao campo da visão. Esse encontro é sempre fora de todo cálculo e sob a forma da surpresa, produzindo um efeito de inibição, sintoma ou angustia. Estes acontecimentos são estruturais à condição do ser falante como sujeito da linguagem e consideramos que, se não fosse assim, o que ocorreria foracluído seria a dimensão mesma do ser que fala. Quando o *eu* se constitui articulado à divisão entre o olho e o olhar, essa operação permite outro modo de relação com o imaginário – não só com a imagem especular- e, por conseguinte, também com o corpo como sede de gozo.

Buenos Aires, junho de 2015

***Traducción al portugués: Margarida Assad***

**Bibliografía citada**

-Bassols I Puig, M. (2011) *Tu yo no es tuyo, lo real del psicoanálisis en la ciencia.* Buenos Aires: Tres Haches.

-Debord, G. (1999) *La Sociedad del Espectáculo.* Pre-textos.España: Gallimard.

-Jullien, F. (2008) *La gran imagen no tiene forma*. Barcelona: Alpha Decay.

-Lacan, J. (1974) Seminario 21. Inédito. Clase 11 de junio de 1974.

-Lacan, J. (1984) *El Seminario 11*. *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis.* Buenos Aires: Paidós.

-Lacan, J. (1985) Variantes de la cura tipo, *Escritos 1.*  Buenos Aires: Siglo XXI.

-Lacan, J. (1986) *El seminario 2. El Yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.

-Lacan, J. (2006) *El Seminario 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós.

-Miller, J.-A. (1987) La acción de la estructura en *Matemas I*. Buenos Aires: Manantial.

-Miller, J.-A. (2007) Las patologías del yo en el análisis en *Introducción a la clínica lacaniana. Conferencias en España*, Colección ELP. Barcelona: ELP-RBA.

-Miller, J.-A. (2011) *Donc. La lógica de la cura.* Buenos Aires: Paidós.

-Miller, J.-A. (2014) Conferencia El inconsciente y el cuerpo hablante en *Revista Lacaniana de Psicoanálisis 17*. Buenos Aires: Grama.

-Sibilia, P. (2008) *La intimidad como espectáculo.* Buenos Aires: Fondo de cultura económica.

-Wajcman, G. (2011) *El ojo absoluto*. Buenos Aires: Manantial.

**Bibliografía consultada**

-Brousse, M.-H. (2010) *Cuerpos lacanianos.* *Novedades contemporáneas sobre el  estadio del espejo.* Conferencia en Granada, España. [En línea] En <https://www.youtube.com/watch?v=Uq9FNVULsMw>. Consultado el 26 de junio de 2015.

-Brousse, M.-H. (2010) *La lata de sardinas, objetos extranjeros, objetos inmateriales*. Conferencia inédita pronunciada en Río de Janeiro, Brasil. [En línea] En <http://www.cieccordoba.com.ar/lunula/leermas17.html>. Consultado el 26 de junio de 2015

-Freud, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.

El yo de la segunda tópica:

-----(1923) El Yo y el Ello. Volumen XIX.

-----(1926[1925]) Inhibición, Síntoma y Angustia. Volumen XX.

-----(1933 [1932])   Conferencia 31  La descomposición de la personalidad psíquica. Volumen XXII.

-----(1893-1895) Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud). Volumen I.

Lo visto y lo oído- huellas de los objetos lacanianos:

-----(1893-1895) Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud) Volumen I.

-----(1900[1899])  La interpretación de los sueños. Volumen IV.

-----(1940[1938]) Construcciones en análisis. Volumen XXIII.

-Miller, J.-A. (1994) Las cárceles del goce. Conferencia de apertura a las III Jornadas Anuales de la Escuela de la Orientación Lacaniana en *Imágenes y Miradas. C*olección Orientación Lacaniana. Buenos Aires: EOL.

-Miller, J.-A. (1998) La imagen reina en *Elucidación de Lacan. Charlas brasileñas*. Buenos Aires: Paidós

-Miller, J.-A. (2003) *La experiencia de lo real en la cura analítica*. Buenos Aires: Paidós.

-Miller, J.-A. (2007) La imagen del cuerpo en psicoanálisis en *Introducción a la clínica lacaniana. Conferencias en España*, Colección ELP. Barcelona: ELP-RBA.

-Wajcman, G. *Las fronteras de lo íntimo*. Conferencia Inédita. [En línea] En <https://www.google.com.ar/webhp?hl=es&tab=ww&gws_rd=ssl#hl=es&q=ventana+wajcman>. Consultado el 26 de junio de 2015.